

# O Medo Contemporâneo: Abordando suas Diferentes Dimensões

The Contemporary Fear: Approaching its Different Dimensions

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de descrever as fisionomias que o medo adquire no cenário contemporâneo. Embora esteja entre as emoções consideradas básicas no homem, o medo é tomado aqui como uma emoção que é também construída socialmente (Solomon, 1995; Costa, 1998). Estudamos como o medo passou por um processo de internalização que pode ser descrito na atualidade, a partir de algumas configurações características, como o medo patologizado, tal como ocorre na chamada síndrome do pânico, a busca do prazer através do medo e as precauções em torno da segurança pessoal. Tais modalidades de medo se acham associadas ao chamado mal-estar contemporâneo, relacionado aos traços da cultura em que vivemos.

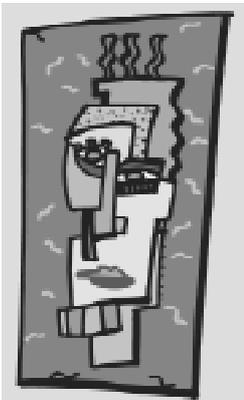
**Palavras-Chave:** Medo, pânico, subjetividade.

**Abstract:** The aim of this essay is the description of the aspects that fear has acquired in the contemporary setting. Fear is here interpreted as an emotion which is also socially constructed. We can observe how fear went through a process of internalisation and can now be described in terms of a few characteristic forms: the so-called panic syndrome, the search for pleasure through fear and the precautions taken in regard to personal security. Such forms of fear are associated to the so-called contemporary malaise and related to the features of the culture we live in.

**Key-Words:** Fear, panic, subjectivity.

**Luciana  
Oliveira  
dos Santos**

*Psicóloga clínica.  
Mestre em Saúde  
Coletiva pelo Instituto  
de Medicina Social  
(IMS) da Universidade  
do Estado do Rio de  
Janeiro (UERJ).*



O tema do medo está na ordem do dia. Tal fato pode ser percebido na quantidade de informação veiculada sobre o tema na atualidade, em diversas matérias em jornais e revistas, que o abordam em suas várias dimensões. O medo é um tema que vem atravessando o cotidiano e marcando de forma cada vez mais palpável a vida coletiva e individual, o que leva à modificação de comportamentos sociais e hábitos mentais.

Este trabalho tem como objetivo, portanto, descrever as fisionomias que o medo adquire na sociedade contemporânea. O medo é descrito como uma emoção e, entre as diferentes concepções de emoção na história do pensamento, seguimos autores como Costa (1988) e Solomon (1995), que não desvinculam as crenças e a cognição das emoções.

O trabalho, dessa forma, apresenta como proposta a seguinte discussão: 1) o medo no campo conceitual, a partir de autores que não desvinculam o caráter social e histórico das emoções, e 2) seguindo essa argumentação, a breve descrição do medo do ponto de vista da história, considerando as diferentes faces que adquire de acordo com determinado período histórico.

## O Medo como Emoção

A discussão sobre o medo permite abordagens muito distintas. Delumeau (1989) expõe algumas das formas pelas quais podemos estudar essa emoção. O autor refere-se aos diferentes sentidos nos quais o medo pode ser estudado. Primeiro, conceitua o medo como uma emoção básica, como **um componente básico da experiência humana**.

Em um sentido estrito do termo, o medo é concebido como **uma emoção-choque** devido à percepção de perigo presente e urgente que ameaça a preservação daquele indivíduo. Provoca, então, uma série de efeitos no organismo que o tornam apto a uma reação de defesa como a fuga, por exemplo. Para Delpierre (1974), “o medo pode provocar efeitos contrastados segundo os indivíduos e as circunstâncias, ou até reações alternadas em uma mesma pessoa: a aceleração dos movimentos do coração ou sua diminuição, uma respiração demasiadamente rápida ou lenta, uma contração ou uma dilatação dos vasos sanguíneos, uma hiper ou uma hiposecreção das glândulas, constipação ou diarreia, poliúria ou anúria, um comportamento de imobilização ou uma exteriorização violenta. Nos casos-limite, a inibição irá até uma pseudoparalisia diante do perigo (estados catalépticos) e a exteriorização resultará numa tempestade de movimentos desatinados e inadaptados, característicos do pânico” (Delpierre, 1974, apud Delumeau, 1989:23).

Constata-se, portanto, que o medo é uma emoção básica, não só no sujeito, mas em diferentes formas de vida, aproximando-se de uma **reação biológica** comum. Esse fato aproxima o medo humano do medo animal, o medo tomado como mecanismo fisiológico.

Para Delumeau (1989), porém, o medo se torna mais complexo quando trata da esfera humana. O autor cita Caillois (1961) ao referir-se ao medo no animal, que, segundo ele: “é único, idêntico a si mesmo, imutável: o de ser devorado”, enquanto nos seres humanos os medos são múltiplos por serem fruto da sua imaginação e, portanto, passíveis de descrições históricas porque sofrem variações (Caillois, 1961 apud Delumeau, 1989:19). Delumeau, dessa forma se refere especificamente a um medo humano, mais complexo e diferenciado do que o medo animal.

O uso contínuo da mesma palavra poderia veicular um sentido de medo universal, presente e imutável em diferentes formas de vida. Autores como Delumeau fazem com que se perceba, porém, a variação que o sentido do termo adquire ao longo da história: não apenas ocorre uma mudança das formas pelas quais o medo se apresenta, como também a própria concepção de medo sofre modificações.

Preferimos, assim, investigar a pluralidade de sentidos que a palavra pode ter dependendo do contexto do que abordar a temática do medo a partir de uma indagação acerca de uma natureza universal e essencial da emoção. Torna-se mais rico, a nosso ver, explorar a diversidade de concepções e experiências ligadas ao medo do que buscar a sua suposta essência universal, imutável e trans-histórica. Será abordada, então, a polissemia do termo ao invés de se circunscrever a uma definição conceitual única. As

noções do pragmatismo lingüístico, em especial na sua concepção naturalista da linguagem, embasarão o trabalho a fim de que se possa realizar uma leitura da subjetividade e da relação desta com a linguagem, na qual será incluída uma discussão acerca do lugar e dos sentidos que o medo adquire conforme o contexto histórico-cultural no qual se situa.

O sentido de uma determinada experiência emocional requer uma indagação acerca dos sentidos que transmite para uma comunidade de falantes. Perguntar pelo sentido de uma palavra ou de uma frase equivale a indagar como ela é usada, ou seja, como seus usos são definidos pelas regras estabelecidas nos jogos de linguagem. Assim, o sentido de nossas experiências internas não é intrínseco a elas mesmas, mas constitui-se a partir de uma linguagem pública, cujos sentidos vão ganhando forma a partir das regras de uso, em contextos determinados. Pensar assim implica aceitar que diferentes jogos de linguagem e diferentes formas de subjetivação originarão formas distintas de entender e experimentar o medo.

Costa (1998), adota a perspectiva de que as emoções são constituídas de sentimentos e sensações, mas também de crenças e julgamentos, não podendo ser redutíveis quer a uma base neuroquímica, quer à idéia de sentimentos universais, trans-históricos, constituintes de um psiquismo universal.

Para Solomon (1995), as emoções consistem, ao menos em parte, em modos de estar conscientemente no mundo, as quais denominou julgamento. Esse último requer conceitos, e a questão é que conceitos são requeridos para uma particular emoção. Ao invés de serem irracionais, as emoções são “um julgamento básico sobre nossos eus e seus lugares no mundo” (Solomon, apud Costa, 1998:196).

Segundo o autor, citado em Costa (1998), “a emoção combina racionalidade, sentimento e sensação para produzir julgamentos reflexivos ou pré-reflexivos. (...) as emoções, por serem julgamentos racionais, podem ser alteradas por força de redescrições, desde que não se entenda redescricao como um cálculo intelectualista. Afirmar que crenças emocionais podem ser alteradas não significa que toda crença, independente da origem, modo de funcionamento e articulação com outras crenças, pode ser transformada pela pura reinterpretação intelectual de seu sentido. O autor afirma que “não é a natureza da emoção que importa tanto, mas a natureza e o lugar de um tipo particular de emoção numa visão de mundo particular” (Solomon, 1995, apud Costa, 1998:196).

Esse conceito de emoção pode causar certa estranheza à primeira vista, uma vez que na visão de emoção há uma forte crença que a assemelha à paixão irracional, em que o sujeito se imagina controlado por algo que é da ordem do “irracional”

e que o levará a uma passividade à qual não pode reagir, pois está fora de seu domínio, de seu controle. Essa é uma perspectiva de emoção compartilhada por Costa (1998). Para melhor diferenciar e explicitar sua visão de emoção, Costa se refere à relação do sujeito com o sentimento, efetuando uma distinção conceitual entre sentimento e sensação. Sentimentos são estados afetivos que não confundem com as sensações e que aprendemos a reconhecer como medo, pesar, decepção, frustração, raiva, temor, gratidão, amor, carinho, ternura, entusiasmo, enlevo, preocupação com o outro, êxtase etc.

Entendemos que mesmo emoções básicas como o medo não fogem à regra. São também socialmente construídas, a partir das descrições expostas anteriormente. Quando aprendemos um termo para designar uma emoção, aprendemos segundo o jogo lingüístico no qual aquele sentimento é classificado, conforme as regras e padrões de uma determinada cultura.

*A sensação seria "corporalmente localizada", "referidas a imagens corporais" e seriam estados do organismo, "processos ou eventos físico-mentais" que evocariam "dor, prazer ou desprazer". Essa seria a principal característica das sensações, a de serem "reguladas pelo trinômio dor, prazer, desprazer. O que produz dor e desprazer tende a ser violentamente repudiado, e o que produz prazer, a ser buscado"*

Costa

Assim, diferentes culturas implicam variações na emergência de sentidos de determinadas emoções, assim como também quais emoções são fundamentais, importantes para cada cultura. Esta, em períodos históricos distintos, designará regras de uso para determinadas emoções que compõem o seu "arsenal", em que a linguagem tem um papel fundamental. A linguagem consiste, assim, em uma ferramenta necessária para formas que as emoções tomam a partir de uma modelação que é principalmente circunstancial e contingencial, porque é através dela que derivam os sentidos das emoções.

Solomon (1995) inclui o medo na classificação das emoções primordiais, ou seja, concorda com autores que adotam a perspectiva de que o medo parece estar entre as emoções mais regulares. Tal fato, porém, não implica afirmar que as emoções básicas sejam entendidas como fenômenos humanos universais, invariantes de cultura para cultura.

O autor se refere às sensações como básicas em cada cultura. A sensação de medo, por exemplo, existiria em toda cultura, mas o principal seria: "em que situações? Qual a intensidade do medo? Em que esse medo difere do pânico? Em que medida essa tendência inata pode ser superada pela educação, treinamento ou experiência? O pânico é aceito nesta sociedade e nestas circunstâncias ou o pânico é acompanhado pela vergonha ou humilhação? O pânico é entendido como uma reação natural ou como uma fraqueza? É compreendido como uma apreensão involuntária ou como um ato voluntário, se bem que espontâneo ?

Solomon (1995) infere que mesmo as emoções básicas são passíveis de mudança: devemos supor que as emoções primordiais variam consideravelmente de cultura para cultura, e mesmo

quando permanecem superficialmente as mesmas, elas devem ter status diferentes e desempenhar papéis muito diferentes nas interações sociais.

A visão de medo enquanto contingencial implica a aceitação do fato de que, embora o nome seja o mesmo, as características que compõem a emoção, o que é aceito como caracterizando a emoção, varia em cada cultura e em cada época que atravessa determinada cultura.

Nesse sentido, o medo não é só uma reação emocional, contendo crenças por trás. O medo não implica, portanto, uma natureza única e imutável. Trata-se de um sentimento construído historicamente, aprendido e ensinado de formas diferentes, dependendo da época. Existe uma série de emoções que reconhecemos como de medo, e, por um acordo público na língua, há alguns comportamentos que concebemos como de medo. O medo, aqui, é abordado como algo conhecido, pois todos reconhecem o sentimento ou a sensação de medo, ninguém tem dúvida de que sente medo. Pode ser uma reação de fuga, reação de retração, reação de negação, reação de precaução, reação de inibição. Tais reações fazem parte de outros complexos emocionais, mas dotadas de diferentes configurações. A caracterização de medo não é simples e nesse viés, seria diferente de outras emoções parecidas, de terror, de susto, de pavor. É uma tentativa de pensar a emoção a partir desse olhar que não pode descartar ou minimizar a importância do aspecto social.

Em seu estudo sobre emoção, Costa (1998) efetua uma distinção conceitual sutil entre sensação e sentimento que nos permite melhor compreender a caracterização da emoção denominada medo. Para ele, embora tal classificação esteja longe de ser consensual, é importante para entendermos a experiência sentimental do homem contemporâneo.

*A sensação seria "corporalmente localizada", "referidas a imagens corporais" e seriam estados do organismo, "processos ou eventos físico-mentais" que evocariam "dor, prazer ou desprazer". Essa seria a principal característica das sensações, a de serem "reguladas pelo trinômio dor, prazer, desprazer. O que produz dor e desprazer tende a ser violentamente repudiado, e o que produz prazer, a ser buscado"* (Costa, 1998:211).

As emoções dependeriam de referentes corporais para serem identificadas. Os sentimentos, como ele define, não teriam essa vinculação com uma específica reação corporal, já que aprendemos a reconhecê-los sem o auxílio de atributos corporais e não dependem do prazer para serem desejados. Seriam, dessa forma, mais elaborados do ponto de vista lingüístico.

O medo seria fronteira entre sensações e sentimentos: "angústia, mal-estar, desconforto são

*eventos afetivos que podem ser descritos como sentimentos ou como sensações, dependendo de critérios adicionais como a maior ou menor reflexividade, a maior ou menor modificação dos estados físicos dos sujeitos etc.” (Costa, 1998:211).*

Podemos pensar que é possível redescrever o que sentimos, num processo histórico, e que essas redescrições produzem alterações significativas dos afetos. É uma tentativa de resgatar nossa reflexão e autocontrole, não para negar nossas emoções, mas para dar-lhes um sentido diferente; ver emoção enquanto crença emocional é resgatar nossa capacidade de ação.

Isso se relaciona com uma abordagem histórica da construção de subjetividades. O autor cita Rorty, segundo o qual: *“afirmar que o sujeito pode se libertar das paixões quer dizer que esse sujeito se transformou ao ‘transformar estados afetivos passivos em estados afetivos ativos’. O sujeito não é uma essência ou substrato indiferenciado preexistente à predicação afetiva. Ele é ‘seus estados afetivos’. Ao mudarem os afetos, muda o sujeito e, com a mudança, mudam também seus desejos, necessidades, aspirações, propósitos etc.” (Rorty, 1991, apud Costa, 1998:187).* Uma vez adotada a perspectiva de que as emoções são contingenciais, recorreremos à genealogia do medo para afirmar essa hipótese, ou seja, veremos como o medo se modificou ao longo da história, tendo adquirido diferentes sentidos conforme a época histórica em que foi estudado.

## Algumas Reflexões Acerca do Medo na Grécia Antiga, Idade Média e Modernidade

Delumeau (1989) procura identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos sociais distintos. Segundo o autor, na Grécia antiga pode-se encontrar a personificação de paixões – como o medo – em deuses. Os antigos concebiam o medo como uma punição dos deuses. Os gregos divinizaram *Deimos* (o temor) e *Phóbos* (o medo), e tentavam entrar em harmonia com esses deuses em tempos de guerra.

Para se desvencilhar do poder aprisionante dessas divindades, os antigos realizavam oferendas apropriadas a fim de que essa força não os abatesse e tomasse conta de seus espíritos, de suas almas. Tais oferendas tinham o objetivo, ainda, de desviar a ação aterrorizante de tais divindades para o inimigo.

Os medos, portanto, eram concebidos como exteriores ao homem e desempenhavam importante papel no seu destino, em um sentido individual e coletivo. Isso nos leva a pensar que a visão do medo como um deus parte de uma pressuposição de sujeito da época, como um sujeito “não-interiorizado”.

Nesse sentido, o medo não seria uma expressão de algo interno, da sua singularidade individualizada, mas a expressão de algo externo que se manifestava no sujeito. O medo se configurava, então, como experiência subjetiva, como paixão que atravessava o sujeito.

É importante ressaltar que o medo passou por um processo de internalização com o passar dos tempos. Mudando de tempo e civilização, Delumeau (1989) e DUBY (1999) se referem à Idade Média e à importância do cristianismo na estruturação de uma vida subjetiva interiorizada e, no processo de internalização das emoções, entre elas figura o medo.



A Inquisição direcionou suas investigações para bodes expiatórios, os pagãos e para os próprios cristãos: *“atuando Satã, com efeito, sobre os dois quadros, e podendo todo homem, se não tomar cuidado, tornar-se um agente do demônio. Daí a necessidade de um certo medo de si mesmo” (Delumeau, 1989:32).*

O mecanismo de internalização do medo, portanto, iniciou-se nos primórdios do cristianismo. Como nos mostra Delumeau, a Igreja teve uma grande contribuição nesse sentido quando apresentou o medo do demônio e do pecado. Segundo ele, *“os homens de Igreja apontaram e desmascararam esse adversário dos homens. Levantaram o inventário dos males que ele é capaz de provocar e a lista de seus agentes: os turcos, os judeus, os heréticos, as mulheres (especialmente as feitiçeiros). Partiram à procura do Anticristo, anunciaram o Juízo Final, prova certamente terrível, mas que seria ao mesmo tempo o fim do mal sobre a terra. Uma ameaça global de morte viu-se assim segmentada em medos seguramente temíveis, mas ‘nomeados’ e explicados, porque refletidos e aclarados pelos homens de Igreja. Essa enunciação designava perigos e adversários contra os quais o combate era, se não fácil, ao menos possível, com a ajuda da graça de Deus” (Delumeau 1989:32).*

Delumeau analisa a difusão da teologia na vida cotidiana da civilização ocidental como discurso incitativo ao **medo de si**, ou seja, o quanto o indivíduo passou a temer a si mesmo, uma vez que podia ser um agente de Satã. Assim, não faltaram bodes expiatórios: judeus e feitiçeiros ocuparam esse lugar

*“O sujeito não é uma essência ou substrato indiferenciado preexistente à predicação afetiva. Ele é ‘seus estados afetivos’. Ao mudarem os afetos, muda o sujeito e, com a mudança, mudam também seus desejos, necessidades, aspirações, propósitos etc.”*

Rorty

do demônio, do demoníaco, do mal. O medo do inferno, o medo da condenação eterna tinha relação com o encontro ou não com Deus, tudo passando por uma introspecção, pela procura de pureza, de combate ao pecado, que voltava o olhar para o interior do sujeito.

Esse processo de internalização do medo, porém ocorre de maneira lenta e complexa, pois, como mostra Elias (1993), o homem medieval não tinha controle sobre as paixões. O autor assinala as mudanças psicológicas ocorridas no processo denominado por ele de civilização, e tais mudanças dizem respeito ao fato de terem sido instigados no indivíduo mecanismos de controle de sua conduta. As sociedades guerreiras medievais não dispunham de um monopólio complexo da violência física; o medo, portanto, provinha de uma ameaça física externa, assumindo a forma do medo de forças exteriores.

O autor mostra a forma como mecanismos de controle efetuados através de terceiras pessoas são convertidos, de diversas maneiras, em **autocontrole**: *“(...) as atividades humanas mais animais são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, (...) a regulação de toda a vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada”* (Elias, 1993:194).

A sociedade cortesã dos séculos XVII e XVIII, portanto, ocupou um lugar específico no movimento destinado a impor uma regulação mais uniforme de padrões de conduta e na moderação das emoções. Uma das transições mais decisivas é a mudança de guerreiros para cortesãos, — dispensa dizer que há diferentes estágios nessa transição — que, no Ocidente, ocorreu no século XI ou XII até que, lentamente, veio a extinguir-se nos séculos XVII e XVIII.

Segundo o autor, nos círculos da vida na corte é que se desenvolve o que chamamos hoje de visão psicológica do homem, porque é onde opera o autocontrole vigilante e a observação minuciosa do próximo, requisitos necessários para se preservar determinada posição social.

Percebemos, então, que paulatinamente o medo vem adquirindo o aspecto de emoção interiorizada no indivíduo, fruto de uma construção histórica. Fazendo parte do processo de construção psicológica do homem, o medo se constitui como emoção singularizada, constitutiva do psiquismo do sujeito, parte de seu repertório emocional.

Diferentemente de medos antigos, temos a experiência de medo do indivíduo hoje, uma experiência individualizada, singularizada. Pretendemos abordar os sentidos de medo hoje inseridos na discussão acerca dos mal-estares contemporâneos.

## O Medo no Cenário Contemporâneo

Compartilhamos as idéias de diferentes autores que, em suas análises do cenário contemporâneo, se referem à presença de um “mal-estar”, na atualidade, que apresenta diferenças significativas em relação a épocas anteriores.

Como afirma Mezan (1985), Freud foi um pensador que, nas primeiras décadas do século XX, se referiu aos mal-estares de seu tempo, ressaltando que os sofrimentos psíquicos se acham inseridos em uma coletividade e também são construídos coletivamente. Para ele, as principais causas do sofrimento psíquico em sua época seriam devidas à insatisfação pulsional imposta pela sociedade, dita “*patriarcal*”, na qual a religião possuía relevante peso, com uma moral sexual que exigia pesadas renúncias dos indivíduos. Assim, havia por um lado a repressão social e, por outro, a renúncia dos indivíduos a seus desejos e fantasias devido às restrições culturais, e estas seriam as razões da infelicidade, espécie de mal-estar, insatisfação. Por que infelicidade? Porque o indivíduo precisava renunciar aos seus impulsos, desejos e fantasias para ter a segurança de pertencer a uma sociedade.

Em contraste com a época de Freud, final do século XIX, surgem na atualidade outras fontes de inquietação. Para Mezan, se a sociedade antiga era, em muitos aspectos, mais rígida, a atual é por vezes desnordeante na sua fragmentação e na aceleração do ritmo das mudanças; se aquela opunha ao avanço do indivíduo obstáculos sedimentados na tradição, a de hoje já não oferece valores nem rumos claramente identificáveis. Existe maior tolerância quanto aos aspectos sexuais em sentido estrito — o corpo é cuidado no esporte e exibido sem tantos pruridos, a homossexualidade já não é perseguida como delito, as oportunidades para relacionamentos sexuais antes ou fora do casamento se multiplicaram, mas a violência urbana, o consumo de drogas e outras pragas sociais se alastraram em um grau que Freud jamais poderia ter previsto.

O afrouxamento da autoridade patriarcal e de seus derivados nas diversas esferas da vida não deu lugar à fraterna união dos iguais, porém a um universo de desorientação e de insegurança cujos sinais estão por toda parte.

Para o autor, o mal-estar atinge, como um todo, populações urbanas principalmente, sem levar em conta a classe e a posição social, expressando-se através de fenômenos como stress, depressão, episódios psicossomáticos, uso de drogas e mesmo delinquência. Segundo ele, *“(...) talvez se possa dizer que a angústia seja o ponto para o qual convergem essas diversas condições, angústia sem dúvida conatural ao ser humano, mas certamente fomentada e*

potencializada pelas condições sócio-econômicas da atualidade" (Mezan, artigo publicado na revista *Veja*, Dez/2000).

Retornando ao argumento de Costa, esse autor faz uma análise da sociedade ocidental com base no argumento freudiano anteriormente citado: "certos padrões de comportamento social hoje são suficientemente estáveis e recorrentes para que possamos afirmar a existência de uma forma particular de medo e reação ao pânico, que é a cultura narcísica da violência. Essa cultura nutre-se e é nutrida pela decadência social e pelo descrédito da justiça e da lei. (...) Na cultura da violência, o futuro é negado ou representado como ameaça de aniquilamento ou destruição. De tal forma que a saída apresentada é a fruição imediata do presente; a submissão ao 'status quo' e a oposição sistemática e metódica a qualquer projeto de mudança que implique cooperação social e negociação não violenta de interesses particulares" (Costa, 1989:167).

Um traço da cultura da violência se manifesta na esfera dos comportamentos sociais. Retomaremos inicialmente o argumento de Bauman, no ponto em que o autor se refere às sociedades atuais como instituídas com base em um modelo dotado do que ele denomina de "insegurança existencial", que assume uma forma de insegurança pessoal.

Os tempos sombrios em que vivemos, de violência e globalização, que apresentam um quadro social em constante mudança, sem garantias, geram um universo de insegurança e de medo. Podemos dizer que nossa cultura ocidental, onde o individualismo e o consumismo são eleitos como valores pós-modernos, intensifica os sentimentos de desamparo do sujeito.

Como resposta a esse desamparo vemos exemplos de contínuos processos de defesa pessoal e de alarmes, o que indica que as pessoas se encontram em um sistema de vigilância contínua: condomínios cada vez mais fechados, vigiados, com uma explosão de aparelhagens de segurança; cada vez mais, o indivíduo tenta se proteger, fechando vidros de carros, travando portas, assumindo comportamentos defensivos. Recursos cada vez mais sofisticados são adotados, como sensor de ruptura, sensor de pressão, infravermelho ativo etc.

Além disso, vemos um outro sentido de busca de segurança, na tentativa de encontrar referentes materiais, no organismo, para o medo. Uma possível busca de segurança hoje em dia consiste nos mecanismos de medicalização, de estudos do cérebro para encontrar fontes materiais para a origem dos males psíquicos, com o desenvolvimento da indústria farmacológica, entre outros.

Encontramo-nos no limiar de uma nova era em ciências do cérebro e do comportamento. No

Instituto Nacional de Saúde Mental dos EUA, consta que a década de 90 foi considerada a "década do cérebro", quando a investigação do sistema nervoso passou a ser o principal foco de investimentos em saúde naquele país. Essa tendência acabou se refletindo em laboratórios de vários cantos do planeta. Através dessas pesquisas acerca do bom ou mau funcionamento cerebral, aprenderemos ainda mais sobre distúrbios mentais como depressão, distúrbio bipolar, esquizofrenia, transtorno do pânico e distúrbio obsessivo-compulsivo. Seremos capazes de usar esse conhecimento no desenvolvimento de novos tratamentos que possam ajudar mais pessoas a superar as doenças mentais. Vemos, portanto, um enorme investimento da indústria farmacológica nesse sentido, na busca de fundamentar as formas de sofrimento psíquico em disfunções do cérebro. Há uma tentativa, portanto, de explicação do medo unicamente a partir de referentes materiais, orgânicos. Como exemplo, podemos citar as abordagens da psiquiatria biológica às experiências de pânico.

Muito se tem falado acerca da síndrome do pânico atualmente. Podemos dividir as diversas concepções a seu respeito em duas grandes tendências: 1) de inspiração mais objetivista, que concebe a síndrome do pânico como uma entidade com substância própria, independente dos contextos sociais e culturais contemporâneos; 2) de orientação historicista e anti-essencialista, que concebe a síndrome do pânico como a expressão de uma cultura, de um universo social que lhe dá os elementos de sustentação. É essa segunda orientação que sustentamos no presente trabalho.

Uma visão dos ataques de pânico ligada à subjetividade, à experiência construída em meio a um tecido social, encontra-se em Rolnik (1997). A autora se refere a alguns fatores que produzem os vazios de sentido da atualidade: "a desestabilização exarcebada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária" (Rolnik, 1997:21). Para ela, há, na atualidade, um sentimento de esvaziamento da subjetividade, uma experiência de vazio "como efeito de uma falta relativamente à imagem completa de uma suposta identidade, e não como efeito de uma proliferação de forças que excedem os atuais contornos da subjetividade e impelem-na a tornar-se outra. Tais experiências tendem, então, a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até morte" (Rolnik, 1997:21).

Para a autora, o que acontece na síndrome do pânico é que a desestabilização é levada a tal ponto que se ultrapassa o que se pode suportar. É no corpo que isso parece se manifestar, uma vez que ele parece ser ameaçado de descontrole de forças, promovendo um caos psíquico, moral, social e orgânico. Então, é como se as funções corporais ganhassem autonomia: o coração dispara, o pulmão deixa de respirar, o controle psicomotor se perde. O corpo é imobilizado,

*(...) Na cultura da violência, o futuro é negado ou representado como ameaça de aniquilamento ou destruição. De tal forma que a saída apresentada é a fruição imediata do presente; a submissão ao 'status quo' e a oposição sistemática e metódica a qualquer projeto de mudança que implique cooperação social e negociação não violenta de interesses particulares"*

Costa

só funcionando a partir do outro corpo, pela simbiose. Essa ameaça imaginária do descontrole de forças é designada como síndrome do pânico, que constitui, a nosso ver, uma das formas de experiência subjetiva do medo atualmente. Abordaremos, por fim, uma outra modalidade de medo atual, a busca por esportes de risco.

Percebemos, então, que o medo, como sensação, vem sendo buscado (tendo em vista que estamos falando das grandes cidades do Ocidente, da classe média) como produto consumível, causador da sensação de frisson. Filmes de terror, que evoquem medo ou pânico, assim como esportes radicais em que o sujeito tem controle parcial do que acontece, ou ao menos convive com um alto grau de risco assumido.

Num mundo laicizado, sem grandes horizontes, sem projetos históricos, sem ambições coletivas, na ausência de um valor mais alto, a força e o sentido da vida ficam na imanência da vida de cada um, e mesmo na experimentação física da existência, na fruição das sensações.

Entre as sensações, podemos citar as sexuais, as buscadas através das drogas, e mesmo, talvez curiosamente, a busca da sensação de medo.

Embora se possa afirmar que sempre tenha havido praticantes de “esportes de risco”, como os gladiadores, por exemplo, as diferenças com relação aos esportes de hoje é nítida: atualmente, o praticante escolhe, determina o risco a ser assumido e busca não a glória, a virtude ou a excelência, mas a simples fruição exacerbada de um certo tipo de satisfação individual: o medo regulado a serviço do prazer. É uma experiência de aventura, de liberdade absoluta, de arrojo etc., mas exige ou possui sempre a tentativa de cercar de fato a surpresa.

Através da procura por tais esportes, podemos perceber que, paradoxalmente, o medo aparece como elemento de busca de alegria, de bem-estar, de satisfação, de felicidade. Caracteriza uma modalidade de medo que não conta com mecanismos de fuga, de exorcismo, mas, pelo contrário, de consumo, o que se pode facilmente verificar na explosão de modalidades de esportes, equipamentos, revistas especializadas, academias de treinamento, profissionais especializados, visibilidade publicitária etc. Os medos estão aparecendo como sensações “consumíveis”.

Como nos diz Costa (1998), vivemos em um mundo pobre de Ideais do Eu, onde não há a força dos meios tradicionais de doação de identidade como a família, a religião, o pertencimento político, o pertencimento nacional, a segurança de trabalho, o apreço pela intimidade, regras mais estritas de pudor moral, preconceitos sexuais etc. Para ele, a matriz de identidade se inscreve no corpóreo, como também os delírios, os fantasmas de desestruturação, de

fragmentação, de fragilidade. O medo é inscrito no corpo. A modalidade de identificação que anteriormente possuía um referencial identificatório em Deus agora se inscreve no corpóreo. O que mudou foi a natureza da experiência sentimental.

Costa (1998), citando Bauman e Ehrenberg, afirma que *“o indivíduo incerto de hoje se tornou um ‘coleccionador de sensações’ e não mais um asceta dos sentimentos(...). Pouco a pouco, aprendemos a querer dos ‘sentimentos’ o que esperamos das ‘sensações’. Ou seja, assim como na gramática das sensações aprendemos a repudiar com veemência toda dor ou qualquer desprazer, também queremos evitar sentimentos que nos façam sofrer”*(Costa, 1998:215).

O autor assinala que *“no presente, o comércio das imagens e sensações é a âncora identificatória dos indivíduos. Saber quem ou o que se é significa tomar a) o que se ‘experimenta’ como sensações e b) o que é oferecido nos modelos publicitários como critério para saber o que se deve ser. As drogas legais ou ilegais, os cuidados corporais, as imagens televisivas deixaram de ser meios marginais na construção das identidades subjetivas; tornaram-se os instrumentos por excelência do acesso ‘às verdades da nossa natureza’. Em função do poder de compra, temos acesso a alguns deles ou a todos eles, mas nenhum grupo sócio-econômico, pelo menos nas cidades, escapa de sua ação”*(Costa, 1998:215).

Em um mundo onde há falta de perspectivas futuras, onde não se tem modelos identificatórios, em que há a descrença na justiça, na lei, no que é transcendente, o que importa é o presente, a fruição das sensações presentes; a boa vida se dá através do culto às sensações.

O medo já não é mais sacralizado, não tem mais relação com Deus, já é inscrito no corpo sob a forma de pânico. Há uma invasão de sentimentos de incerteza, fragilidade, insegurança, fragmentação, como maneira decomposta, banalizada, de uma experiência que antes era tão densamente carregada como o medo. Não faz parte mais do trágico, mas do comum; o medo aparece o tempo todo, criando-se inclusive estratégias para lidar com essa emoção, sendo uma delas o medicamento. O medo surge inscrito no corpo, o grande medo o de se descontrolar, de perder o controle corporal.

Para Elias, o homem medieval era subjugado pelas paixões, não tendo assim, controle sobre elas, uma vez que eram exteriores a ele. Segundo o autor, o homem passou por um processo de “domesticação” de suas paixões, ou seja, elas teriam que ser controladas pelo seu “superego” a partir de uma internalização das normas de conduta. É o que Costa afirma ao referir-se ao homem da “nobreza” como aquele cujo medo principal seria o de se “trair” pela fraqueza, a partir de uma individualidade construída em uma observação das normas de conduta, para se viver as regras e normas da boa sociedade.

*“no presente, o comércio das imagens e sensações é a âncora identificatória dos indivíduos. Saber quem ou o que se é significa tomar a) o que se ‘experimenta’ como sensações e b) o que é oferecido nos modelos publicitários como critério para saber o que se deve ser. As drogas legais ou ilegais, os cuidados corporais, as imagens televisivas deixaram de ser meios marginais na construção das identidades subjetivas; tornaram-se os instrumentos por excelência do acesso ‘às verdades da nossa natureza’. Em função do poder de compra, temos acesso a alguns deles ou a todos eles, mas nenhum grupo sócio-econômico, pelo menos nas cidades, escapa de sua ação”*

Costa

Hoje parece haver uma segunda exteriorização; o homem não é aquele homem “sentimental” da época romântica, mas parece que a exteriorização fica no limite corporal. Há uma experiência de perda de controle, como se o corpo adquirisse autonomia, e o medo do indivíduo de um descontrole desse corpo, fosse a experiência designada de pânico.

## Considerações Finais

Como efeito dos tempos sombrios em que vivemos, de violência, globalização e constantes mudanças, o medo se torna a conseqüência mais banal, no cotidiano, dos sentimentos exacerbados de desamparo dos indivíduos.

Ao enfatizarmos – na análise conceitual do medo – a sua descrição como uma “emoção”, salientamos não só o quanto de histórico e contextual existe em sua constituição, mas também o quanto de julgamento está inscrito no interior de uma experiência que tendemos a viver como espontânea, natural e idiossincrática.

A lição a tirar dessa visão do medo como “emoção” é clara: se toda emoção envolve crença, é possível afirmar que as formas de lidar com o medo implicam o embate com as crenças que sustentam e dão

substância às experiências de medo que nos assaltam. Essa é uma das maneiras de pôr em questão não só nossas crenças, mas também nosso mundo tal como está organizado hoje. Essa conclusão, que julgo acertada, é merecedora de maior e melhor exploração e crítica. Ao final, é ela a razão de ser deste estudo. Com todas as limitações, omissões e desvios que nele possam ser encontrados, creio que é possível reconhecer seu intento original: começar uma investigação acerca de termos-chave do vocabulário sentimental que nos define como sujeitos com o objetivo de encontrar novas formas de lidar com nossa experiência no mundo, novos instrumentos para agir no universo de nossas ações cotidianas que nos levem a caminhos mais úteis no enfrentamento daquilo que nos assombra, os nossos medos.

Estamos convencidos de que nenhuma solução “objetiva”, biotecnológica, nenhuma formação político-administrativa pode efetivamente lidar com as experiências atuais do medo sem levar em conta alguns dos aspectos que pretendemos trazer à tona neste estudo introdutório: o caráter histórico de nossa condição, a variabilidade contextual de nossas reações mais básicas, a natureza pragmática de nossas formas de conhecer o mundo e de conceber nossa experiência.

**Luciana Oliveira dos Santos**

Rua: Senador Vergueiro, 98/806, Flamengo,  
Rio de Janeiro, RJ, CEP 22230 001  
E-mail: luciana.o@ig.com.br

Recebido 23/09/02 Aprovado 08/03/03

---

BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CHAUÍ, M. Sobre o medo. In: CARDOSO, S. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, J. F. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DELUMEAU, J. *História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, G. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. São Paulo: Unesp, 1999.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade*. Campinas: Papirus, 1997.

SOLOMON, R. C. The cross-cultural comparison of emotion. In: \_\_\_\_\_. *Emotions in sian Thought*. Albany: State University of New York Press, 1995.

Referências  
bibliográficas